

## 17. O CRIADOR: MISTÉRIO DA CRIAÇÃO E PROVIDÊNCIA

295-324



### INTRODUÇÃO

O universo é um cosmos: nele encontramos uma ordem que se manifesta também nas leis físicas que descobrimos e que nos ajudam a compreender e controlar os fenômenos naturais. Não é o ser humano que impõe essa ordem, mas ele a pode descobrir e, a partir disso, usar o conhecimento de tal ordem a seu favor. Se o universo fosse um caos, a ciência e a tecnologia seriam impossíveis. Restaria ao ser humano tentar sobreviver às forças bem mais poderosas da natureza.

Por outro lado, é evidente que nem tudo no universo é perfeito: desastres naturais, cataclismos, extinções de espécies mostram que o universo não é uma calmaria de ordem acabada. É o que nós chamamos de mal físico.

Mais misterioso e doloroso, no entanto, é o mal moral: a perversidade de pessoas, de instituições e de costumes, o engano e a mentira que parecem dominar, os assassinatos, as chacinas e os genocídios, o ódio gratuito e a vingança sem limites, a violência absurda, o tráfico de pessoas desafiam continuamente a nossa sanidade, o nosso presente e a nossa existência: será que vale a pena viver? Desafiam também a nossa esperança: a presença do mal moral ao longo de toda a história humanidade não prova a nossa impotência em superá-lo? Desafiam a nossa fé: se há um Deus bom no céu, porque há o mal na terra?

Nos parágrafos referentes ao nosso estudo, podemos encontrar as bases para que nós continuemos dando resposta a essas questões tão sérias. Na verdade, a resposta para a questão do mal não está somente nos poucos parágrafos que vamos estudar hoje. A resposta à questão do mal deve ser buscada em todo o catecismo e no todo da mensagem cristã: *“Não há nenhum pormenor da mensagem cristã que não seja, em parte, resposta ao problema do mal”*.

## TEXTO 295-324

### SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

#### CAPÍTULO I: CREIO EM DEUS PAI



#### Parágrafo 4: O Criador

##### IV. O mistério da criação

##### DEUS CRIA COM SABEDORIA E POR AMOR

**295.** Acreditamos que Deus criou o mundo segundo a sua sabedoria. O mundo não é fruto duma qualquer necessidade, dum destino cego ou do acaso. Acreditamos que ele procede da vontade livre de Deus, que quis fazer as criaturas participantes do seu Ser, da sua sabedoria e da sua bondade: «porque Vós criastes todas as coisas e, pela vossa vontade, elas receberam a existência e foram criadas» (Ap 4,11). «Como são grandes, Senhor, as vossas obras! Tudo fizestes com sabedoria» (Sl 104,24). «O Senhor é bom para com todos e a sua misericórdia estende-se a todas as criaturas» (Sl 145,9).

##### DEUS CRIA «DO NADA»

**296.** Acreditamos que Deus não precisa de nada preexistente, nem de qualquer ajuda, para criar. A criação tão pouco é uma emanção necessária da substância divina. Deus cria livremente «do nada»:

«Que haveria de extraordinário, se Deus tivesse tirado o mundo duma matéria preexistente? Um artista humano, quando se lhe dá um material, faz dele o que quer. O poder de Deus, porém, mostra-se precisamente quando parte do nada para fazer tudo o que quer».

**297.** A fé na criação a partir «do nada» é testemunhada na Escritura como uma verdade cheia de promessa e de esperança. É assim que a mãe dos sete filhos os anima ao martírio:

«Não sei como aparecestes no meu seio; não fui eu que vos dei a respiração e a vida, nem fui eu que dispus os membros que compõem cada um de vós. Por isso, o Criador do mundo, que formou o homem à nascença e concebeu todas as coisas na sua origem, vos dará novamente, na sua misericórdia, a respiração e a vida, uma vez que vos desprezais agora a vós próprios, por amor às suas leis [...] Peço-te, meu filho, que olhes para o céu e para a terra. Vê todas as coisas que neles se encontram, para saberes que Deus não as fez do que já existia, e que o mesmo sucede com o género humano» (2Mac 7,22-23.28).

**298.** Uma vez que Deus pode criar «do nada», também pode, pelo Espírito Santo, dar a vida da alma aos pecadores, criando neles um coração puro e a vida do corpo aos defuntos, pela ressurreição. Ele que «dá a vida aos mortos e chama o que não existe como se já existisse» (Rm 4,17). E como, pela sua palavra, pôde fazer que das trevas brilhasse a luz, pode também dar a luz da fé aos que a ignoram.



#### DEUS CRIA UM MUNDO ORDENADO E BOM

**299.** Uma vez que Deus cria com sabedoria, a criação possui ordem. «Dispusestes tudo com medida, número e peso» (Sb 11,20). Criada no Verbo e pelo Verbo eterno, «que é a imagem do Deus invisível» (Cl 1,15), a criação destina-se e orienta-se para o homem, imagem de Deus, chamado ele próprio a uma relação pessoal com Deus. A nossa inteligência, participante da luz do intelecto divino, pode entender o que Deus nos diz pela sua criação, sem dúvida com grande esforço e num espírito de humildade e de

respeito perante o Criador e a sua obra. Saída da bondade divina, a criação partilha dessa bondade («E Deus viu que isto era bom [...] muito bom»: Gn 1,4.10.12.18.21.31). Porque a criação é querida por Deus como um dom orientado para o homem, como herança que lhe é destinada e confiada. A Igreja, em diversas ocasiões, viu-se na necessidade de defender a bondade da criação, mesmo a do mundo material.

#### DEUS TRANSCENDE A CRIAÇÃO E ESTÁ PRESENTE NELA

**300.** Deus é infinitamente maior do que todas as suas obras: «A vossa majestade está acima dos céus» (Sl 8,2), «insondável é a sua grandeza» (Sl 145,3). Mas, porque Ele é o Criador soberano e livre, causa primeira de tudo quanto existe, está presente no mais íntimo das suas criaturas: «É n'Ele que vivemos, nos movemos e existimos» (At 17,28). Segundo as palavras de Santo Agostinho, Ele é «*superior summo meo et interior intimo meo* — Deus está acima do que em mim há de mais elevado e é mais interior do que aquilo que eu tenho de mais íntimo».

#### DEUS SUSTENTA E CONDUZ A CRIAÇÃO

**301.** Depois da criação, Deus não abandona a criatura a si mesma. Não só lhe dá o ser e o existir, mas a cada instante a mantém no ser, lhe dá o agir e a conduz ao seu termo. Reconhecer esta dependência total do Criador é fonte de sabedoria e de liberdade, de alegria e de confiança:

«Vós amais tudo quanto existe e não tendes aversão a coisa alguma que fizestes: se tivésseis detestado alguma criatura, não a teríeis formado. Como poderia manter-se qualquer coisa, se Vós não quisésseis? Como é que ela poderia durar, se não a tivésseis chamado à existência? Poupais tudo, porque tudo é vosso, ó Senhor, que amais a vida» (Sb 11,24-26).



## A Providência Divina

### V. Deus realiza o seu desígnio: a divina Providência

**302.** A criação tem a sua bondade e a sua perfeição próprias, mas não saiu totalmente acabada das mãos do Criador. Foi criada «em estado de caminho» («*in statu viae*») para uma perfeição última ainda a atingir e a que Deus a destinou. Chamamos divina Providência às disposições pelas quais Deus conduz a sua criação em ordem a essa perfeição:

«Deus guarda e governa, pela sua Providência, tudo quanto criou, "atingindo com força dum extremo ao outro e dispondo tudo suavemente" (Sb 8,1). Porque "tudo está nu e patente a seus olhos" (Hb 4,13), mesmo aquilo que depende da futura ação livre das criaturas».

**303.** É unânime, a este respeito, o testemunho da Escritura: a solicitude da divina Providência é *concreta e imediata*, cuida de tudo, desde os mais insignificantes pormenores até aos grandes acontecimentos do mundo e da história. Os livros santos afirmam, com veemência, a soberania absoluta de Deus no decurso dos acontecimentos: «Tudo quanto Lhe aprouve, o nosso Deus o fez, no céu e na terra» (Sl 115,3); e de Cristo se diz: «que abre e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre» (Ap 3,7); «há muitos projetos no coração do homem, mas é a vontade do Senhor que prevalece» (Pr 19,21).

**304.** É assim que, muitas vezes, vemos o Espírito Santo, autor principal da Sagrada Escritura, atribuir a Deus certas ações, sem mencionar causas-segundas. Isso não é «uma maneira de dizer» primitiva, mas sim um modo profundo de afirmar o primado de Deus e o seu senhorio absoluto sobre a história e sobre o mundo e de ensinar a ter confiança n'Ele. A oração dos Salmos é, aliás, a grande escola desta confiança.

**305.** Jesus reclama um abandono filial à Providência do Pai celeste, que cuida das mais pequenas necessidades dos seus filhos: «Não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? Que havemos de beber? [...] Bem sabe o vosso Pai celeste que precisais de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (Mt 6,31-33).

#### A PROVIDÊNCIA E AS CAUSAS SEGUNDAS

**306.** Deus é o Senhor soberano dos seus planos. Mas, para a realização dos mesmos, serve-Se também do concurso das criaturas. Isto não é um sinal de fraqueza, mas da grandeza e bondade de Deus onipotente. É que Ele não só permite às suas criaturas que existam, mas confere-lhes a dignidade de agirem por si mesmas, de serem causa e princípio umas das outras e de cooperarem, assim, na realização do seu desígnio.

**307.** Aos homens, Deus concede mesmo poderem participar livremente na sua Providência, confiando-lhes a responsabilidade de «submeter» a terra e dominá-la. Assim lhes concede que sejam causas inteligentes e livres, para completar a obra da criação, aperfeiçoar a sua harmonia, para o seu bem e o dos seus semelhantes. Cooperadores muitas vezes inconscientes da vontade divina, os homens podem entrar deliberadamente no plano divino, pelos seus atos e as suas orações, como também pelos seus sofrimentos. Tornam-se, então, plenamente «colaboradores de Deus» (1Cor 3,9) e do seu Reino.

**308.** Esta é uma verdade inseparável da fé em Deus Criador: Deus age em toda a ação das suas criaturas. É Ele a causa-primeira, que opera nas e pelas causas-segundas: «É Deus que produz em nós o querer e o operar, segundo o seu beneplácito» (Fl 2,13). Longe de diminuir a dignidade da criatura, esta verdade realça-a. Tirada «do nada» pelo poder, sabedoria e bondade de Deus, a criatura separada da sua origem, nada pode, porque «a criatura sem o Criador esvai-se». Muito menos pode atingir o seu fim último, sem a ajuda da graça.

#### A PROVIDÊNCIA E O ESCÂNDALO DO MAL

**309.** Se Deus Pai todo-poderoso, Criador do mundo ordenado e bom, tem cuidado com todas as suas criaturas, porque é que o mal existe? A esta questão, tão premente como inevitável, tão dolorosa como misteriosa, não é possível dar uma resposta rápida e

satisfatória. É o conjunto da fé cristã que constitui a resposta a esta questão: a bondade da criação, o drama do pecado, o amor paciente de Deus que vem ao encontro do homem pelas suas alianças, pela Encarnação redentora de seu Filho, pelo dom do Espírito, pela agregação à Igreja, pela força dos sacramentos, pelo chamamento à vida bem-aventurada, à qual as criaturas livres são de antemão convidadas a consentir, mas à qual podem, também de antemão, negar-se, por um mistério terrível. *Não há nenhum pormenor da mensagem cristã que não seja, em parte, resposta ao problema do mal.*

**310.** Mas, porque é que Deus não criou um mundo tão perfeito que nenhum mal pudesse existir nele? No seu poder infinito, Deus podia sempre ter criado um mundo melhor. No entanto, na sua sabedoria e bondade infinitas, Deus quis livremente criar um mundo «em estado de caminho» para a perfeição última. Este devir implica, no desígnio de Deus, juntamente com o aparecimento de certos seres, o desaparecimento de outros; o mais perfeito, com o menos perfeito; as construções da natureza, com as suas destruições. Com o bem físico também existe, pois, *o mal físico*, enquanto a criação não tiver atingido a perfeição.

**311.** Os anjos e os homens, criaturas inteligentes e livres, devem caminhar para o seu último destino por livre escolha e amor preferencial. Podem, por conseguinte, desviar-se. De fato, pecaram. Foi assim que entrou no mundo *o mal moral*, incomensuravelmente mais grave que o mal físico. Deus não é, de modo algum, nem direta nem indiretamente, causa do mal moral. No entanto, permite-o por respeito pela liberdade da sua criatura e misteriosamente sabe tirar dele o bem:

«Deus todo-poderoso [...] sendo soberanamente bom, nunca permitiria que qualquer mal existisse nas suas obras se não fosse suficientemente poderoso e bom para do próprio mal, fazer surgir o bem».

**312.** Assim, com o tempo, é possível descobrir que Deus, na sua onipotente Providência, pode tirar um bem das consequências dum mal (mesmo moral), causado pelas criaturas: «Não, não fostes vós – diz José a seus irmãos – que me fizestes vir para aqui. Foi Deus. [...] Premeditastes contra mim o mal: o desígnio de Deus aproveitou-o para o bem [...] e um povo numeroso foi salvo» (Gn 45,8; 50,20). Do maior mal moral jamais praticado, como foi o repúdio e a morte do Filho de Deus, causado pelos pecados de todos os homens, Deus, pela superabundância da sua graça, tirou o maior dos bens: a glorificação de Cristo e a nossa redenção. Mas nem por isso o mal se transforma em bem.

**313.** «Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (Rm 8,28). O testemunho dos santos não cessa de confirmar esta verdade:

Assim, Santa Catarina de Sena diz aos «que se escandalizam e se revoltam contra o que lhes acontece»: «Tudo procede do amor, tudo está ordenado para a salvação do homem, e não com nenhum outro fim».

E S. Tomás Moro, pouco antes do seu martírio, consola a filha com estas palavras: «Nada pode acontecer-me que Deus não queira. E tudo o que Ele quer, por muito mau que nos pareça, é, na verdade, muito bom».

E Juliana de Norwich: «Compreendi, pois, pela graça de Deus, que era necessário atermo firmemente à fé [...] e crer, com não menos firmeza, que todas as coisas serão para bem [...].» *«Thou shalt see thyself that all manner of thing shall be well».*

**314.** Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim,

quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (1Cor 13,12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais, mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse *Sábado* definitivo, em vista do qual criou o céu e a terra.



**Resumindo:**

**315.** *Na criação do mundo e do homem, Deus deu o primeiro e universal testemunho do seu amor onipotente e da sua sabedoria e fez o primeiro anúncio do seu «desígnio amoroso», o qual tem como finalidade a nova criação em Cristo.*

**316.** *Embora a obra da criação seja particularmente atribuída ao Pai, é igualmente verdade de fé que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são o único e indivisível princípio da criação.*

**317.** *Só Deus criou o Universo, livremente, diretamente, sem qualquer ajuda.*

**318.** *Nenhuma criatura possui o poder infinito necessário para «criar», no sentido próprio da palavra: quer dizer; para produzir e dar o ser ao que de modo algum o possuía (chamar à existência «ex nihilo» a partir do nada).*

**319.** *Deus criou o mundo para manifestar e comunicar a sua glória. Que as criaturas partilhem da sua verdade, da sua bondade e da sua beleza – eis a glória, para a qual Deus as criou.*

**320.** *Deus, que criou o universo, mantém-no na existência pelo seu Verbo; «o Filho tudo sustenta com a sua palavra poderosa» (Hb 1,3) e pelo seu Espírito criador que dá a vida.*

**321.** *A divina Providência consiste nas disposições pelas quais Deus conduz, com sabedoria e amor; todas as criaturas, para o seu último fim.*

**322.** *Cristo convida-nos a abandonarmo-nos filialmente à Providência do Pai dos céus; o apóstolo São Pedro retoma o seu pensamento ao dizer: «Lançai sobre Deus toda a vossa inquietação porque Ele vela por vós» (1Pd 5,7).*

**323.** *A Providência divina também age pela ação das criaturas. Aos seres humanos, Deus permite-lhes cooperar livremente com os seus desígnios.*

**324.** *A permissão divina do mal físico e do mal moral é um mistério, que Deus esclarece por seu Filho Jesus Cristo, morto e ressuscitado para vencer o mal. A fé dá-*

*nos a certeza de que Deus não permitiria o mal, se do próprio mal não fizesse sair o bem, por caminhos que só na vida eterna conheceremos plenamente.*

## **REVISANDO TEMAS**



### **O mistério da criação**

Sobre os parágrafos propostos para o estudo, muito se pode escrever. Para que você possa ter uma visão geral da riqueza dos temas que podem ser objeto de um ulterior aprofundamento, são propostos os seguintes parágrafos em estilo telegráfico.

**1.** A criação provém da vontade livre de Deus. Ele não é obrigado por nenhum um motivo extrínseco nem é limitado por um pressuposto que esteja fora dEle.

É essa origem da criação como fruto da ação livre de Deus o que dá senso para a própria liberdade humana. Com efeito, se o universo fosse obra do acaso ou do destino cego a própria liberdade humana perderia o seu sentido: ela se confundiria com o próprio acaso ou se anularia na sua insignificância.

Afirmar que o universo tem origem na sabedoria e no amor de Deus equivale a aceitar que Ele derrama o seu amor sobre todas as criaturas, que são amadas e por isso existem.

**2.** Além de ser livre, Deus cria “do nada”. Com essa formulação a fé cristã quer afirmar que tudo o que há depende radicalmente de Deus. Para o cristão, essa verdade não é mera asserção teórica, mas é primeiramente uma declaração da sua esperança: se Deus pode criar do nada, pode também ressuscitar, pode dar a vida espiritual aos pecadores, pode dar a fé aos incrédulos.

**3.** O mundo não é um caos confuso e informe; não é um amontoado de seres sem relação entre si, mas é um cosmos ordenado e coerente, cujo ponto focal e final é o



homem. Nesse cosmos, Deus imprime uma ordem, ou seja, estabelece na pluralidade imensa das realidades criadas uma relação inteligível (que pode ser captada pela inteligência) e coerente. O Criador organiza com sabedoria e com amor todo o universo e tal disposição está finalizada ao homem.

**4.** Reconhecer e captar a ordem do cosmos equivale a contatar a sua beleza e bondade. Por isso, no relato do Gênesis, no final de cada dia, o Criador: “viu que era bom”. E ao criar o homem e a mulher (a sua imagem e semelhança) o mundo se torna “muito bom”.

A beleza e a bondade das criaturas proclama a do seu Criador. Por isso, reconhecer a grandeza do Criador em nada diminui a dignidade e o valor das criaturas, antes as afirma.

**5.** A criação é entregue ao homem para que, por meio dela, conheça o seu Criador. Uma vez que tudo tem origem na vontade livre de Deus e tudo foi radicalmente criado bom, o cristão tem do mundo uma concepção profundamente positiva. Com efeito, a Igreja sempre rejeitou vigorosamente qualquer doutrina ou ideia pessimista da matéria, do corpo e do mundo criado.

**6.** Deus é transcendente (supera e está acima) ao mundo e, ao mesmo tempo é imanente (está dentro) ao mundo. Mesmo que pareçam contraditórias, as duas afirmações devem ser sempre mantidas juntas. De um lado, Deus não se confunde com o mundo: Ele o ultrapassa porque o criou livremente. Por outro, Deus é mais íntimo ao mundo do que o próprio mundo, porque somente em Deus o mundo tem a sua consistência.

**7.** As obras humanas, uma vez produzidas, adquirem uma subsistência própria, independente do seu autor. Quando o autor humano fabrica um móvel ou uma máquina, escreve um livro ou compõe uma música, dá origem a um produto que adquire existência própria. A obra humana não existe sem a ação de uma pessoa, mas uma vez objetivada e produzida, adquire independência do autor humano.

A fé em Deus Criador consiste em reconhecer que há uma diferença qualitativa entre a criação divina e a humana. Em relação ao Criador, a criatura jamais adquire uma autossuficiência semelhante àquela que a obra humana recebe ao ser produzida. Essa dependência radical da criatura em relação ao Criador é ao mesmo tempo a sua dignidade, sua bondade e beleza. Sem jamais perder a sua relação com o Criador, a criatura participa da Sua bondade, grandeza e beleza. Deus conserva permanente e incessantemente a criatura no ser e continua exercendo sua ação criadora. Por isso, crer no Criador significa reconhecer a presença ativa e íntima de Deus nas criaturas.

**8.** A presença de Deus na manutenção do ser do mundo não é estática: o Criador está presente ativamente na criação para conduzi-la ao seu destino de plenitude. Essa presença ativa e permanente é descrita sinteticamente com uma palavra tradicional: “providência”.

**9.** A ação dinâmica e providente de Deus conduz a criação ao seu cumprimento final quando Deus será tudo em todas as coisas (cf. 1Cor 15,28). A perfeição que Deus deseja, portanto, não é a excelência fria e sem defeito de um supercomputador. Se assim fosse a perfeição da criatura seria sumamente desumana. Com efeito, o cumprimento final não exclui, antes inclui a cooperação humana.

**10.** O mundo e o ser humano não saíram das mãos de Deus acabados; eles não são perfeitos, mas perfectíveis. Evidentemente, Deus poderia ter criado tudo já acabado, sem a necessidade de um processo de aperfeiçoamento e de mudança. Mas não o fez, e nós não temos como entrar nas intenções do Criador. É, porém, lícito a nós considerar

que Deus quis a cooperação do homem na obra da criação. A criação é uma obra aberta que pode receber uma ulterior perfeição do homem. Aperfeiçoando e humanizando o que o circunda, o próprio homem se aperfeiçoa. O mundo assim é para o homem um desafio à sua criatividade. Uma vez que o mundo é limitado e perfectível, o homem pode exercer nele a sua inventividade e ação criadora.

**11.** Assim o progresso humano, no senso autêntico da palavra, não contradiz a providência divina. Pelo contrário, é suscitado, sustentado, assumido e plenificado por ela. O desígnio do Criador para a sua criação, manifestado já desde a origem do mundo, é a perfeição humana e humanizante, na qual a humanidade colabora com o melhor de si e com todas as suas forças para a sua própria superação oferecida por Cristo no Espírito Santo.

**12.** Esse concurso e essa participação comum do homem com Deus não é sinal de fraqueza e sim manifestação máxima da grandeza do Criador. A suma perfeição de Deus consiste exatamente em conceder à sua criatura a capacidade de colaborar com Ele. Por ser uma criatura inteligente e livre, o ser humano é capaz de ser um verdadeiro cooperador na obra criadora de Deus.

**13.** Participando da ação criadora de Deus, o ser humano faz com que a natureza desenvolva as suas potencialidades e receba uma feição humana. No desígnio do Criador, sem a ação criadora do homem, a natureza nunca chegará à sua perfeição. Por isso, é errada a concepção que entende Deus como um freio ou um obstáculo à liberdade criadora do homem.

**14.** É na resposta livre do homem ao convite de Deus que se revela o poder de Deus. Poder divino e poder humano não se opõem. Só se opõem quando o homem abusa da liberdade e escolhe contra o Criador.

**15.** O mesmo podemos afirmar a respeito da ordem da salvação. A grandeza do homem se revela em toda a sua clareza quando ele coopera ativamente com Deus na sua própria salvação, quando colabora responsabilmente na “construção” do Reino de Deus (cf. V Oração Eucarística). É Deus que faz surgir e sustenta em nós o querer a realização de seus desígnios (cf. Fl 2,13). É exatamente nessa capacidade de Deus produzir na sua criatura a cooperação em sua própria salvação que se patenteia a grandeza e a condescendência divinas.

Deus não salva a criatura humana como se estivesse consertando uma máquina. A salvação é uma ação divina não só **em favor do** homem, mas também **com o** homem; “é obra Sua em nós, mas não sem nós” (Sto. Agostinho, *Tract.* 72,2 CCL 36,508). A ação salvadora de Deus põe em ação a cooperação humana e isso evidencia a dignidade do homem. Ao ser salva, a criatura humana não desaparece diante do Criador, antes é exaltada como autêntica colaboradora.

**16.** A ação criadora e salvadora de Deus não deve ser compreendida em contradição com ação e a liberdade humana. O primado da graça em relação à liberdade humana deve ser colocado no horizonte não da vitória de Deus contra o homem, mas da vitória do homem, com o auxílio de Deus, contra o mal que é a ruína da liberdade.

**17.** A solicitude providente de Deus não se limita a dirigir e guiar o mundo na sua totalidade. Ela é uma ação que cuida de cada criatura de maneira imediata e concreta. Nada foge ao olhar amoroso do Criador. Cada pessoa e cada acontecimento tem para Deus uma relevância muito maior do que a míope apreciação que damos.



### **O problema da mal**

**18.** O sofrimento do inocente e a presença do mal no mundo não desmente tudo o que acima foi dito sobre a grandeza e a bondade de Deus? Como responder à questão do mal? Primeiramente é preciso reconhecer que uma resposta racional peremptória à questão do mal não é possível. Na realidade, toda a mensagem cristã é uma resposta a essa questão radical. Mesmo não menosprezando a questão do mal físico é preciso reconhecer que o mistério do mal moral é infinitamente maior e mais doloroso.

**19.** A fé da Igreja sempre afirmou que o mal moral não é desejado por Deus nem é a sua causa. Santo Agostinho diz que tudo o que somos e temos vem de Deus, exceto o pecado que provém somente de nós. O que o homem é por natureza, deve-o a Deus; mas enquanto pecador, deve-o à sua má vontade que o afasta de Deus. A natureza e o pecado são coisas distintas: aquela deve ser reconhecida como obra de Deus, este deve ser confessado a fim de que o Salvador seja invocado.

**20.** A Igreja sempre negou a predestinação ao mal, uma vez que Deus quer que todos se salvem. Já que não podemos imaginar um “âmbito” ou “espaço” no mundo onde Deus não esteja presente e onde sua ação não chega, nem podemos conceber que algo aconteça sem a sua vontade, os cristãos explicam que o mal é **permitido** por Deus, pois Ele respeita a liberdade que Ele próprio criou e sustenta. Uma vez que Deus nos criou livres, não pode impedir que nossa liberdade seja exercida mesmo que, nesse exercício, nos voltemos contra o Criador. Com efeito, ao nos criar livres, Deus quis correr o risco da liberdade da criatura.

**21.** Por outro lado, os cristãos reconhecem que Deus é onipotente no amor e por isso é capaz de tirar do mal o bem. É exatamente isso que aconteceu na nossa redenção: o nosso pecado deu ocasião a Deus para uma comunicação ainda mais abundante do seu amor ao nos entregar o seu Filho. O Pai manifestou assim o seu amor de uma maneira que nunca poderíamos suspeitar e que é difícil até de exprimir. É exatamente essa reação de admiração e de surpresa que está na base da expressão “ó feliz culpa que nos mereceu um tão grande redentor” presente no canto da proclamação da páscoa.

22. A morte de Jesus na Cruz é o mais horrendo crime que a humanidade jamais cometera e, ao mesmo tempo, a fonte do maior bem que recebemos de Deus. Do pior de todos os males que o homem realizou veio também o bem supremo da salvação. A onipotência de Deus é de fato onipotência do amor: porque ama, Deus pode tudo, pode até mesmo entregar o Filho amado para que vivamos dEle. É à luz do paradoxo da cruz que vem a certeza de que Deus pode tirar o bem do mal e só por isso o permite.

23. Um provérbio popular diz que “Deus escreve certo com linhas tortas”. A partir do paradoxo da cruz é preciso corrigir: “Deus escreve certo **apesar das** linhas tortas”. O mal não é causado diretamente por Deus: Ele não faz o mal. O mal tampouco é causado indiretamente por Deus: o mal não é uma espécie de dano colateral ou efeito adverso na realização do bem. O mal tem origem no pecado do homem, e este só peca porque Deus o permite. Mas mesmo nessa permissão, Deus é capaz de tirar o bem. Por isso o mal nunca é um meio que Deus usa para chegar ao bem. Do pecado não provém bem algum, mas Deus pode, apesar do mal, sempre fazer o bem.

